

A imagem e suas representações no ensino de história

Ademar Firmino dos Santos*

Resumo

Procuramos, neste trabalho, fazer uma reflexão sobre a importância da utilização das imagens no trabalho do historiador, buscando embasamento teórico e referências em autores que fazem a discussão sobre este tipo de documento para mostrar o quanto pode ser produtiva a sua inserção no ensino de história, tendo em vista a produção de conhecimento histórico nos alunos. Torna-se vital refletir sobre os seus conceitos, sua forma de produção e intencionalidade, para permitir que os alunos também o façam entendendo que o documento imagético é produzido por uma determinada sociedade e possui intencionalidades e propósitos a serem averiguados pela análise documental.

Palavras-chave: Imagens. Representações. Ensino de história.

Quando falamos em recursos audiovisuais para o ensino de história, geralmente, nós professores, temos a ideia de que se trata apenas de incluir nas aulas de história algumas imagens, vídeos, fotos, pinturas, de maneira aleatória, sem o devido cuidado e sem questionar as fontes, ou seja, nos esquecemos de que esses recursos são documentos como qualquer outro e que merecem tratamento como tal. Devemos analisar, juntamente com os alunos, o momento histórico em que foi criada a imagem, o seu objetivo, o seu público de interesse, quem é o seu autor, em que setor social ele circula e o que pretende com a obra. São algumas das muitas perguntas que podemos fazer em relação à imagem, cujas respostas podem dar indícios de como se construiu este elemento.

* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Estadual de Londrina.

Incrementando essa posição, Jacques Aumont, em sua obra intitulada *A imagem*, de 1993, na qual faz redefinições do conceito de imagem, comenta que em todas as sociedades a produção de imagens sempre teve uma finalidade específica, de propaganda religiosa, ideológica, entre outros, ou seja, de transmitir informações a alguém. Conforme o autor, “a arte representativa imita a natureza, e essa imitação nos dá prazer; em contrapartida, e quase dialeticamente, ela influi na ‘natureza’, ou pelo menos em nossa maneira de vê-la”.¹

Devemos nos lembrar que a imagem, apesar dessa função de transmissão de informações; não tem o poder de refletir toda uma sociedade; apenas “imita”, representando uma forma de comunicação de uma classe social (onde o autor está inserido) num determinado espaço e tempo.

Quando se trata de imagem, é necessário voltar um pouco no tempo, para que possa ser vista com outros olhos na nossa sociedade. O mundo moderno nasceu de rupturas e grandes transformações, de relativização dos valores e ensinamentos, tanto que é conhecido como o “século das luzes”, “da razão”. O século seguinte, o XIX, foi marcado como o “século das imagens”. Segundo Sergio Lage T. Carvalho, em sua obra *A saturação do olhar e a vertigem dos sentidos*, neste momento é que surgiram os meios de reprodução

de imagens, apareceram o cinema e a fotografia, também se dando início a uma grande mudança na paisagem urbana, fazendo surgir uma cultura de imagens vinculadas ao consumo: “A modernidade é contemporânea da indústria estética da mercadoria, da construção de um mundo sensorial ilusório e das grandes intervenções arquitetônicas e urbanísticas. O final do século XIX definitivamente nubla as fronteiras, anteriormente nítidas, entre o mundo do real e o mundo do artifício.”²

A sociedade contemporânea, mais do que nunca, vive sob os efeitos de ataques constantes da mídia, que usa as imagens para vender os seus produtos e difundir ideias sobre comportamentos e modismos. Desde o início do século XX, percebendo que a imagem era um dos seus grandes aliados, os industriais e as pessoas que trabalham com a divulgação de imagens, os “marketeiros”, procuraram o melhor ponto de exposição de seus produtos na disputa pelo mercado e intensificaram seus trabalhos de divulgação. Para ilustrar lembramos uma propaganda de refrigerantes que dizia o seguinte: “A imagem é tudo, a sede não é nada.” Isso é uma inverdade, pois a imagem, por si só, não diz coisa alguma; é necessário que por trás das imagens existam palavras comentando-as, ou pessoas capazes de interpretá-las.

Analisando a realidade atual, Douglas Crimp, no artigo denominado “Arte e contemporaneidade”, afirma que consumidores, geralmente, são indivíduos atuantes e críticos em relação à cultura de massa; portanto, não é correto imaginar que consomem sem objetivo algum. O consumo é muito mais do que uma simples atividade econômica e está ligado à realização dos desejos das pessoas, aos sonhos, à identidade, à comunicação. Não podemos vê-las como uma grande massa controlada por industriais e propagandistas inescrupulosos.³

Mesmo sabendo que este texto não tem a intenção de aprofundar no assunto e cientes do poder de influência que possui a mídia, todos os atributos de ordem financeira e política que compõem a sua estrutura, caberia uma indagação: Como se dá o uso da propaganda para o ensino de história? De que maneira isso acontece?

Não tentaremos eliminar as dúvidas por completo, mas jogar uma luz para que o diálogo fique aberto para discussões dessa natureza no futuro, como o fez Luiz Fernando Cerri no artigo “A política, a propaganda e o ensino de história”. No texto o autor procura analisar e exemplificar o uso da propaganda no ensino de história como forma de experiências e como veículo divulgador de conhecimento histórico levado a um grande público, cumprimos

do uma função educativa capaz de formar noções de história.

Cerri nos aponta três cuidados que devemos ter no uso da propaganda (ou imagem) no ensino de história;

- considerar a sua historicidade, fazendo um trabalho de acompanhamento no tempo e espaço, levantando informações sobre a época em que foi criada, para possibilitar que os alunos façam um acompanhamento da propaganda em épocas diferentes e compreendam também os avanços tecnológicos de sua produção;
- fazer referência à reflexão sobre o nosso próprio tempo, ou seja, levar os alunos a refletirem sobre os seus hábitos de consumo, de seus familiares e amigos, para que questionem as suas próprias escolhas;
- colocar em observação o tipo de abordagem feita pela propaganda e como ela ensina a história segundo determinados pontos de vista que vão além de vender um produto e difundir uma ideia.⁴

O objetivo de levar essas questões ao ambiente escolar é contribuir de forma efetiva para desenvolver no aluno um leitor crítico e promover ações que possam qualificar positivamente para a sua vida prática cotidiana.

O que ocorre quando essa propaganda é utilizada de outras formas, como, além de objetivos financeiros, visar a objetivos políticos? É o que tentou mostrar Cerri em outro artigo, “Uma escola do Brasil: o trabalho educativo das imagens da nação no ‘milagre brasileiro’ (1969-1973) e na comemoração dos 500 anos do descobrimento (1998-2000)”, que mostra a maneira como as imagens foram utilizadas pelo poder governamental e não governamental (Rede Globo) nesses períodos distintos, mas com objetivos semelhantes: o de participar na formação da identidade nacional pela valorização de símbolos nacionais (bandeira, hino) e imagens clássicas (quadros de Tiradentes e o Grito do Ipiranga).⁵

As imagens têm grande poder de disseminação de ideias, tornando-se peças chave para manipulação de sentimentos, desejos e vontades das pessoas. No ensino de história os alunos devem ser capacitados e incentivados a discutir e questionar este turbilhão de imagens que recebem diariamente.

A partir da segunda metade do século, houve o surgimento de novas tecnologias vinculadas à informática, que alteraram em muito a sociedade na forma de pensar, agir, de se relacionar entre si e com a imagem, fazendo surgir também uma nova forma de escrita, virtual, que dinamiza esse processo tornando-a mais ágil e eficiente. Não se tratava apenas de uma mudança

técnica, mas de uma verdadeira evolução tecnológica. Annateresa Fabris, no artigo “Redefinindo o conceito de imagem”, publicado na *Revista Brasileira de História* em 1998, assinala que na era da informática os conceitos de espaço, de tempo, de memória, de conhecimento, de cultura, de visualidade serão redefinidos em razão da necessidade de se entender melhor esse evento.⁶

A sociedade contemporânea, a partir da década de 1980, aumentou a dimensão visual para com o domínio da informática, o que coincidiu com o crescimento do interesse pelo estudo das imagens, como relata Ulpiano Menezes em seu artigo “Fontes visuais, cultura visual, história visual, balanço provisório, propostas cautelares”:

Na virada da década de 1980 dá-se não só a convergência de várias abordagens, interesses e disciplinas em torno do campo comum da visualidade, como também uma percepção cada vez mais ampliada, inclusive fora dos limites acadêmicos, da importância dominante da dimensão visual na contemporaneidade. A difusão da comunicação eletrônica e a popularização da imagem virtual obrigam à procura de novos parâmetros e instrumentos de análise, que articulam os esforços da Sociologia, Antropologia, Filosofia, Semiótica, Psicologia e Psicanálise, Comunicação, Cibernética, Ciências da Cognição. Campos que se estruturam – como os estudos de comunicação de massa e, em particular, a moda assumida principalmente nos Estados Unidos e na

Inglaterra pelos chamados “cultural studies”, espécie de bolsa de mercadorias do simbólico – passam a ter um papel determinante nesse processo⁷.

Precisaríamos nos aprofundar mais na análise para entender melhor os efeitos e as mudanças sociais causadas pelo surgimento da informática na sociedade contemporânea, inclusive avaliar seus efeitos na cultura escolar. Porém, no momento isso não será possível, principalmente pela falta de tempo e para não fugir da essência deste trabalho.

Outro meio de produção de imagens bastante utilizado na contemporaneidade é a fotografia, para o que, segundo Ciro F. Cardoso, em artigo intitulado “Iconografia e história”, de 1990, faz-se necessário montar um quadro com as possibilidades metodológicas disponíveis hoje em dia para a análise da iconografia como documento que venha trazer à luz informações e contribuições para a pesquisa histórica. Primeiro, o autor analisa a iconografia como fonte qualitativa e, depois, de forma quantitativa, porém não acrescenta novas contribuições ao debate sobre a questão; em seguida, comenta sobre a utilização do cinema na história, chamando a atenção do pesquisador para o imaginário e as ideologias dos filmes; depois, passa para a história da arte e a perspectiva semiótica aplicada à iconografia.⁸ Contudo, como referido, Cardo-

so pouco acrescenta para a metodologia da iconografia ou para uma teoria.

A fotografia tem lugar garantido no artigo “Fragmentos de memória: oralidade e visualidade na construção das trajetórias familiares”, de Ana Maria Mauad, publicado em 2001, no qual analisa a relação histórica entre a oralidade e visualidade por meio dos relatos das pessoas ao observarem as fotografias de seus familiares. A autora chama a atenção para a inter-relação existente entre a imagem e o texto:

No que diz respeito ao significado das fotografias familiares, ficam claras as diferenças entre as referências escritas e orais em relação às imagens fotográficas. O título no verso da foto, ou no álbum, pode simplesmente dizer: “mãe e papai, Vassouras, Agosto, 1893”, e oferecer simplesmente um registro da época e do lugar. Já as histórias provenientes dos relatos pessoais, contadas a partir da apreciação de uma imagem, são sempre mais densas e complexas, indo muito além do enquadramento da foto e revelando um extracampo bastante significativo.⁹

O artigo é muito interessante porque inova no sentido de analisar os relatos orais das pessoas que guardam as fotografias, diferentemente da forma habitual em que o pesquisador as analisa, de maneira fria e distante do produtor, ou de alguém que possui uma memória a ser acionada no momento da contemplação da imagem. Além disso, a autora lembra que a imagem, por si

só, pode nos revelar muita coisa, mas quando vem acompanhada de um texto ou de um relato de alguém que viveu aquela experiência, ou esteve próximo de quem a viveu, pode se tornar uma fonte valiosíssima, enriquecendo também o trabalho do pesquisador.

Nessa mesma linha, sobre as questões que envolvem a observação da imagem como fonte historiográfica, pode-se constatar que Peter Burke, em seu texto *Cultura material através de imagens*, procura analisar os vários tipos de imagens, comentando sobre os cuidados que devemos ter quando trabalhamos com estes tipos de fonte, mas mostrando o quanto é positivo utilizá-las. Burke, verificando pelo “ângulo positivo”, afirma que imagens revelam situações e detalhes da cultura material que as pessoas da época não consideraram relevantes e que foram deixados de lado pelos textos usuais. As imagens também se revelam como testemunho valioso porque mostram a organização dos artefatos do passado:

Os livros nas prateleiras de bibliotecas e livrarias, por exemplo, ou os objetos exóticos arrumados em museus, ou “gabinetes de curiosidades” como eram descritos no século 17, os animais empalhados e peixes pendurados no teto, os vasos antigos no chão, uma estatuetta num plinto, objetos menores organizados nas prateleiras e outros ainda menores em gavetas.¹⁰

As imagens revelam, por meio da disposição dos objetos, detalhes que em muitos textos não seriam contemplados, mas que trazem grande contribuição para os pesquisadores da área de história e disciplinas afins, pois podem demonstrar detalhes da influência política e da posição social das pessoas envolvidas nas imagens, o acesso que teriam à educação e à cultura nesta sociedade e por que valorizar determinados objetos em vez de outros.

Por outro lado, não devemos nos esquecer de que muitas vezes as imagens que vemos em fotografias, pinturas e outras não revelam diretamente o que estava acontecendo naquele ambiente, pois a paisagem muitas vezes é modificada de acordo com a intenção do artista no momento. Assim, sobre o caos, a desordem ou a harmonia e a organização do ambiente, a imagem revela o seu ponto de vista.

Por essa razão, Granet-Abisset, no artigo “O historiador e a fotografia”, defende que o ato de fotografar ou se fazer fotografar nunca é uma ação neutra, pois há sempre, por trás das lentes, emoções, desejos e atitudes dos sujeitos que interferem diretamente neste ato de se produzir imagens. E é justamente por isso que se faz necessária a confrontação de dados e informações por outras fontes orais e escritas na análise de imagens, visto que as conclusões produzidas continuam

modestas e necessitando de releitura constante.¹¹

Como podemos dizer que hoje já somos um pouco mais críticos em relação à produção e utilização de imagens, afirmamos que o trabalho com as imagens no ensino de história é de vital importância pela qualidade e quantidade de informações que podem trazer à luz. Porém, não devemos nos esquecer de que são produtos culturais de uma sociedade, de uma época e, assim, são documentos que devem ser confrontados com outros tipos de fontes, como relatos ou comentários de pessoas próximas dos acontecimentos retratados nas imagens, para que se aumente em muito o número de dúvidas esclarecidas sobre os fatos.

No mundo contemporâneo, em que a imagem é tão difundida e nos fascina a todos, possibilitar aos nossos alunos que sejam mais questionadores às investidas das imagens que nos atordoam é nossa missão. Portanto: Luz. Câmera. Ação!

Abstract

The image and its representations in the teaching of history

We tried in this work, to reflect on the importance of the use of the images in the work of the historian seeking theoretical basis and references in authors who make the discussion of such documents to show how can be productive

to its inclusion in education of History, with a view to the production of historical knowledge in the students. It is vital reflect on their concepts, their way of production and intent to allow the students also do understand that the document imaging is produced by a given society and has intentionality and purpose to be investigated by the documentary analysis.

Key words: Images. Representations. Teaching of history.

Notas

- ¹ AUMONT, Jacques. *A imagem*. Trad. de Estela dos Santos Abreu. Campinas: Papirus, 1993. p. 77-83.
- ² CARVALHO, Sérgio Lage T. A saturação do olhar e a vertigem dos sentidos. *Revista USP – Dossiê Sociedade de massas e identidade*, São Paulo, n. 32, dez./jan./fev. 96/97. p. 130.
- ³ CRIMP, Douglas. Arte e contemporaneidade. *Revista USP*, São Paulo, n. 40, 1998-99. p. 82.
- ⁴ CERRI, Luis Fernando. A política, a propaganda e o ensino da história. *Cadernos Cedes*, Campinas, v. 25, n. 67, set./dez. 2005. p. 321-323.
- ⁵ CERRI, Luis Fernando. Uma escola do Brasil: o trabalho educativo das imagens da nação no “milagre brasileiro” (1969-1973) e na comemoração dos 500 anos do descobrimento (1998-2000). In: ENCONTRO NACIONAL PERSPECTIVAS DO ENSINO DE HISTÓRIA, III. Curitiba. UFPR, 1998. *Anais...* p. 1-20.
- ⁶ FABRIS, Annateresa. Redefinindo o conceito de imagem. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 18, n. 35, 1998. p. 8.
- ⁷ MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, história visual, balanço provisório, propostas cautelares. *Revista Brasileira de História*, v. 23, n. 45, p. 23.
- ⁸ CARDOSO, Ciro Flamarion S. Iconografia e história. *Papirus*, n. 1, 1990. p. 9-17. Passim.
- ⁹ MAUAD, Ana Maria. Fragmentos de memória: oralidade e visualidade na construção das trajetórias familiares. *Projeto História*, São Paulo, 2001. p. 167-168.

¹⁰ BURKE, Peter. *Testemunha ocular*. Bauru: Edusc, 2004. p. 120-121.

¹¹ GRANET-ABISSET, Anne Marie. O historiador e a fotografia. Trad. de Yara Aun Khoury. *Projeto História*, São Paulo, jun. 2002. p. 21-24.

Bibliografia

AUMONT, Jacques. *A imagem*. Trad. de Estela dos Santos Abreu. Campinas: Papirus, 1993.

BURKE, Peter. *Testemunha ocular*. Bauru: Edusc, 2004.

CARDOSO, Ciro Flamarion S. Iconografia e história. *Papirus*, n. 1, 1990

CARVALHO, Sérgio Lage T. A saturação do olhar e a vertigem dos sentidos. *Revista USP* – Dossiê Sociedade de massas e identidade, São Paulo, n. 32, dez./jan./fev. 96/97.

CERRI, Luis Fernando. A política, a propaganda e o ensino da história. *Cadernos Cedes*. Campinas, v. 25, n. 67, set./dez. 2005.

_____. Uma escola do Brasil: o trabalho educativo das imagens da nação no “milagre brasileiro” (1969-1973) e na comemoração dos 500 anos do descobrimento (1998-2000). In: ENCONTRO NACIONAL PERSPECTIVAS DO ENSINO DE HISTÓRIA, III. Curitiba, UFPR, 1998. *Anais...*

CRIMP, Douglas. Arte e contemporaneidade. *Revista USP*, São Paulo, n. 40, 1998-99.

FABRIS, Annateresa. Redefinindo o conceito de imagem. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 18, n. 35, 1998.

GRANET-ABISSET, Anne Marie. O historiador e a fotografia. Trad. de Yara Aun Khoury. *Projeto História*, São Paulo, jun. 2002.

MAUAD, Ana Maria. Fragmentos de memória: oralidade e visualidade na construção das trajetórias familiares. *Projeto História*, São Paulo, 2001.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, história visual, balanço provisório, propostas cautelares. *Revista Brasileira de História*, v. 23, n. 45.